

NOTAS SOBRE DIREITOS HUMANOS EM *DIFERENTES: PENSANDO CONCEITOS E PRECONCEITOS*, DE LIANA LEÃO

LEÃO, Liana. *Diferentes: pensando conceitos e preconceitos*. 5. ed. São Paulo: Editora Elementar, 2009. 32 p.

Marcos Antonio Klazura¹

Em linguagem simples e lúdica, Liana Leão apresenta importantes reflexões sobre direitos humanos em sua obra infantojuvenil *Diferentes: pensando conceitos e preconceitos*. De início, o texto já insinua que conceitos e preconceitos são construídos e reproduzidos socialmente, “um dia a gente aprende” (LEÃO, 2009, p. 4). Portanto, são passíveis de mudanças, de ressignificação e reconstrução. Outro elemento apontado é a dualidade, isto é, a tendência a limitar a realidade a apenas duas possibilidades de avaliação, quando há uma diversidade.

Pensar nos direitos humanos sem considerar a diversidade e suas singularidades é anular à grandeza humana, homogeneizada em um padrão social. Neste sentido, segundo Leão, na vida “há muitas outras combinações possíveis, pois a vida rima como variedade” (LEÃO, 2009, p. 7). Contudo, quando nossos conceitos se tornam preconceitos, inviabilizamos a construção coletiva a partir da riqueza da pluralidade, e, ao nos fecharmos em nossas verdades, impedimos a oportunidade de ampliação do nosso horizonte, aniquilamos a concretude dos direitos humanos.

Assim, anula-se o diálogo, o conceito preestabelecido se torna mais importante que o próprio ser humano, por vezes não reconhecido como tal. Quando predominam conceitos que padronizam o socialmente aceitável, passamos a combater a tudo o que não se enquadra, “a gente não vê, não ouve, não vive de verdade o mundo em volta” (LEÃO, 2009, p. 9). Fazemos de nossas vidas e relações uma “bolha”, um mundo perfeito, sob nossa ótica, ao desconsiderar as infinitas possibilidades humanas de ser, de sentir, de criar e de existir.

Liana Leão provoca os leitores a partir da apresentação de temas imprescindíveis à construção dos direitos humanos, nas entrelinhas dos versos poéticos do seu livro. Em suas rimas comparecem os seguintes temas: a padronização social, a padronização do corpo, a questão racial, as diversas combinações de famílias, as possibilidades e formas de amor e o fundamentalismo religioso, em um importante resgate; “um dia a gente descobre que o mundo inteiro é inventado, e que o preconceito é uma jaula que prende o amor” (LEÃO, 2009, p. 14).

¹ Mestre em Direitos Humanos e Políticas Públicas pela PUC-PR. Assistente social. Bacharel em Serviço Social pela PUC-PR. Professor na UNINTER. E-mail: marcos.k@uninter.com.

Portanto, sinaliza que “há vários modos de se caminhar pelo mundo e que todos valem a pena” (LEÃO, 2009, p. 18).

O texto convida o leitor a considerar o contexto histórico e a diversidade cultural, ambos importantes, posto que não se sobrepõem. Apresenta a beleza como identidade, como verdade individual, em vez de estereótipo social. Não é necessário se encaixar em alguma forma predeterminada, pode-se existir como se deseja, e escolher ou não às possibilidades encontradas na vida.

Sob essa perspectiva, pensemos nos direitos humanos como possibilidade de reconhecimento enquanto sujeito social de direitos, que tem sua identidade, suas particularidades, as quais enriquecem a diversidade humana. Recordemos Boaventura de Souza Santos (1997, p. 30), “as pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza”. A pluralidade e a diferença são possibilidades de descobertas e de construções coletivas que convergem na busca da dignidade humana, elemento que unifica as diversidades e possibilita a coexistências das diferenças.

Para finalizar, a autora discute o protagonismo, a construção e a desconstrução da identidade de cada ser humano, quando buscamos ser o que somos, sem a preocupação com as expectativas alheias, “podemos caminhar pelo mundo no nosso passo, do nosso modo” (LEÃO, 2009, p. 23), sendo “cada um o seu próprio sonho” (LEÃO, 2009, p. 25). Podemos também mudar e nos reinventar. Respeitar nossa condição humana, nossos limites, imperfeições, também é respeitar os outros, os esquisitos, os diferentes, pois, afinal, todos diferimos e isto nos torna seres únicos.

Apesar de tantas diferenças, somos iguais em muitas coisas, temos fome, sentimos sede, frio e choramos quando estamos tristes. Assim, “crescer é aprender a compartilhar a dor do outro” (LEÃO, 2009, p. 28), ter empatia, alteridade, experimentar a dor do outro e contribuir para a sua cura. Assim, entendermo-nos como parte de um coletivo, posto que não existimos sozinhos e, diante de uma gama de possibilidades, podemos “desenhar nosso próprio desenho, único, diferente, sem cópia carbono, profundamente original” (LEÃO, 2009, p. 31).

Referências

LEÃO, Liana. **Diferentes: pensando conceitos e preconceitos**. 5. ed. São Paulo: Editora Elementar, 2009. 32 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 48, p. 11-32, jun. 1997. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao_multicultural_direitos_humanos_RCCS48.PDF. Acesso em: 26 mai. 2021.